

Apresentação

Em um dos pontos altos do romance *O Drible*, de Sérgio Rodrigues, o personagem Neto – um revisor de livros de autoajuda fascinado pelo universo pop dos anos 1970 e 1980, que vivia às turras com seu pai, o outrora renomado cronista esportivo Murilo Filho, um homem cheio de teorias e histórias fantásticas sobre o futebol brasileiro – sai para beber e conversar com Maxwell Smart, um amigo próximo, proprietário de um antiquário especializado em objetos da cultura pop produzidos entre as décadas de 1960 e 1980. As dificuldades do processo de reaproximação entre Neto e Murilo, que passaram um quarto de século sem se falar, foi o tema do diálogo travado entre os dois amigos. Em certo momento da prosa, Neto confessa a Smart sua irritação com um velho costume do pai, a insistência do cronista aposentado em tentar explicar o Brasil por meio do futebol:

Acho que no fundo o Murilo não se conforma de morrer sem ter entendido alguma coisa profunda sobre o Brasil, uma maluquice assim. Fica contando histórias dos craques do passado e procurando no futebol uma imagem de corpo inteiro da nacionalidade, sabe esse papo? Uma contribuição qualquer à marcha da civilização, mestiçagem, tolerância, jogo de corpo, antropofagia, besteiras do gênero. Não entende ou não quer entender que já era, estilhaçou tudo, fodeu tudo. Não tem mais Brasil, se é que um dia teve. Não tem um país só. (RODRIGUES, 2013, p. 146)

É forçoso que um dossiê dedicado à história do esporte, publicado no conturbado ano de 2016, inicie sua apresentação com a constatação de que, diferente do que imaginávamos, a despeito da realização da Copa do Mundo de Futebol (2014) e dos Jogos Olímpicos de Verão (2016) no Brasil, o esporte e seus megaeventos não são os temas mais debatidos no país. Seguindo as pistas deixadas pelo personagem de Sérgio Rodrigues, arriscaria afirmar que a explicação para o anticlímax esportivo não deve ser buscada em uma suposta desvalorização da prática esportiva ou no desencantamento popular com os megaeventos. Imersos em uma tensa combinação de crise política e econômica, nos deparamos com um país diferente daquele idealizado há uma década. Um país dividido, estilhaçado. Ou, como sintetiza Neto, um Brasil que não é um só.

Esse Brasil “estilhaçado” – que “não tem mais, se é que um dia teve” –, para insistirmos na ideia do personagem de Rodrigues, traz em si algumas implicações não negligenciáveis à historiografia do esporte. Desde que se constituiu enquanto um objeto de reflexão das ciências humanas, o subcampo dos estudos do esporte sempre foi profícuo em

produzir análises que associavam as práticas corporais institucionalizadas à formação e reformulação de identidades nacionais e nacionalismos. Como definiu Eric Hobsbawm, autor frequentemente citado nessas análises: “A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.” (HOBSBAWM, 1990, p. 171).

Na América Latina, como observou Pablo Alabarces (2011), desde a primeira geração de estudiosos que se debruçaram sobre o fenômeno esportivo a partir das ciências humanas, com especial destaque para os antropólogos Roberto DaMatta, Eduardo Archetti, Simone Lahud Guedes e José Sérgio Leite Lopes, o binômio esporte/nação foi frequentemente mobilizado nas análises. Ao modo de Murilo Filho, se pretendia entender “alguma coisa profunda sobre o Brasil” e outras nações por meio do estudo sobre o esporte. O pressuposto implícito, evidentemente, é que essas nações existiam, ao menos, como entidades imaginadas. Em face à crise da própria ideia de nação, me parece urgente repensarmos os termos e conceitos a partir dos quais se estruturou o nosso campo de investigações.

Para ficar apenas em um exemplo, me parece pouco razoável falarmos, hoje, em “país do futebol”, quando a própria ideia de nação foi colocada em xeque e o símbolo máximo do selecionado brasileiro, sua camisa, perdeu o status de ícone da integração nacional – “se é que um dia foi”, para citar mais uma vez o personagem Neto -, para se tornar a insígnia de identificação de um dos grupos sociais em disputa, um dos projetos em litígio no país. Talvez, como defendeu Luiz Carlos Ribeiro (2012), à luz da atual conjuntura, um dos possíveis caminhos para a historiografia do esporte seja repensar o Brasil para além dos seus “lugares comuns”, em busca de “outros lugares do Brasil”, outros brasis, escondidos na narrativa unificadora da nação.

Justiça seja feita, desde fins da década de 1990, com a multiplicação dos estudos sobre o esporte nas ciências humanas, esse projeto de pensar o Brasil – e outros países – para além dos lugares comuns vem sendo posto em prática, em maior ou menor grau, por diversos grupos de pesquisa sobre o tema que pululam no país e no restante da América Latina. O crescimento deste campo de estudos foi tamanho, que Alabarces, em balanço recente sobre a produção sobre esportes nas ciências humanas latino-americanas, afirmou: “O argumento da ausência [de estudos] já não é, portanto, válido e é, ainda por cima, pouco rigoroso”. E prossegue, constatando que nos últimos trinta anos: “estes trabalhos cresceram em quantidade, visibilidade e rigor. Afastados do ensaio, apoiados pelas categorias e ferramentas contemporâneas da Sociologia, da Antropologia, da História e dos Estudos Culturais” (ALABARCES, 2011, p. 20). A exceção, segundo o intelectual argentino, seria a História, cuja ampliação do número de estudos sobre o tema no continente estaria em defasagem se comparado às demais ciências humanas: “a História está em déficit, com a notável exceção de alguns poucos brasileiros e do trabalho solitário de Julio Frydenberg na Argentina” (ALABARCES, 2011, p. 21).

O dossiê que ora apresentamos contrasta, ao menos no tocante à academia brasileira, com a análise pessimista de Alabarces em relação à expansão do interesse no estudo do esporte no interior da disciplina histórica. O presente dossiê é composto de doze artigos escritos por investigadores, entre jovens pesquisadores e estudiosos experimentados, de oito estados diferentes: Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Alagoas, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os temas são igualmente variados: esporte e publicidade, esporte e forças armadas, esporte e imagem, boxe, surfe, futebol, política, identidade regional, história dos conceitos, racismo, entre outros. A pluralidade temática, teórica, metodológica e de núcleos de pesquisas de onde os autores são provenientes, nos dão um aperitivo da multiplicidade das pesquisas produzidas no Brasil, no campo da História do Esporte, nos últimos anos. Talvez, o problema maior seja de divulgação dessas produções espalhadas por todo o país. Nesse sentido, os dossiês temáticos cumprem uma função importante na difusão e popularização desses estudos, seja entre os pesquisadores do subcampo da História do Esporte, seja entre os historiadores em geral e o público interessado em História.

O dossiê inicia com o artigo *A modernidade do futebol na História*, onde o historiador Luiz Carlos Ribeiro tece críticas aos usos inadvertidos dos conceitos de “moderno” e “modernização” na historiografia do futebol. Em seguida, no artigo *Esporte, corpo e cultura surfe no litoral de Fortaleza*, André Aguiar Nogueira problematiza as articulações entre esporte, corpo e cultura desenvolvidas pelos surfistas da Praia do Titanzinho, na comunidade Serviluz, litoral leste da capital cearense. Karina Cancelli, por sua vez, investiga a participação das Forças Armadas brasileiras na organização dos Jogos Latino-Americanos de 1922, no Brasil, e a ampliação da prática esportiva e da Educação Física entre os militares no artigo *A participação das Forças Armadas brasileiras na organização dos Jogos Latino-Americanos de 1922*.

A campanha publicitária da *Louis Vuitton*, com os atletas Edson Arantes do Nascimento, Diego Armando Maradona e Zinedine Zidane, veiculada durante a Copa do Mundo de 2010, é analisada em *Ícones do Esporte – Pelé, Maradona e Zidane: uma análise da campanha da Louis Vuitton para a Copa do Mundo 2010*, onde Natasha Santos Lise investiga as formas como o capital simbólico do esporte extrapola o campo esportivo, adentrando ao universo mercadológico e midiático, para além do nicho específico das marcas esportivas. Dando sequência, Elcio Loureiro Cornelsen, em *Imagens do negro no futebol brasileiro*, com base em fotografias, memórias, crônicas, ensaios, canções e poemas, desenvolve um breve panorama das imagens do negro no futebol brasileiro, com base em uma análise que entende as imagens como discursos que veiculam mensagens que se cristalizaram no imaginário e na narrativa sobre futebol brasileiro.

Paulino de Jesus Francisco Cardoso e Karla Leandro Rascke, por sua vez, analisam a participação de atletas de descendência africana na constituição do Figueirense F. C., em

1921, no contexto do pós-abolição, e o papel do clube na positivação da imagem do Bairro da Figueira, território negro de Florianópolis até, pelo menos, a década de 1940, no artigo *Cidadania e expectativas no bairro da Figueira: o surgimento do Figueirense Foot-Ball Club (Florianópolis/SC, 1921-1951)*. Este que vos escreve assina o artigo *A “candidatura sportiva” e outras aproximações entre esporte e política na Curitiba da Primeira República*. Nele, lança um olhar sobre o futebol na Primeira República a partir da história política, investigando as relações entre instituições esportivas paranaenses, como clubes e federações, e a prefeitura, o governo estadual, a câmara de vereadores, a assembleia legislativa do estado do Paraná, os partidos políticos e outras instituições tradicionais do campo político, buscando problematizar a ideia, segundo a qual, as aproximações entre esporte e política no Brasil teriam sido inauguradas durante os governos de Getúlio Vargas.

No artigo *A bola rolando no “Triângulo”: apontamentos sobre a história regional do futebol no Triângulo Mineiro e seus diálogos com São Paulo no início do século XX*, Igor Maciel da Silva e Cássia Danielle Monteiro Dias Lima discutem os intercâmbios esportivos entre os clubes do Triângulo Mineiro e agremiações paulistas na primeira metade do século XX e o papel da imprensa na divulgação e monitoramento dos novos hábitos urbanos adotados em cidades como Uberaba e Uberlândia, em Minas Gerais. Em *“Contra o dissabor de uma derrota”: futebol e identidade regional no Recife dos anos 1920*, Eduardo José da Silva Lima analisa a formação e a popularização de um sentimento regionalista em Recife, por meio do futebol, entendendo esse esporte como um campo de disputas culturais entre o nacionalismo e o regionalismo. Encerrando a seção dedicada ao futebol, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral Moreira, no artigo *As Excursões Futebolísticas segundo a Revista Placar 1970-1971- Primeiras Reflexões*, reflete sobre a importância financeira dos amistosos e excursões promovidas pelas agremiações esportivas na década de 1970. Essas excursões, algumas vezes, por conta dos rendimentos que propiciavam, eram privilegiadas pelos clubes, em detrimento de partidas oficiais, o que gerava um intenso debate na imprensa sobre a pertinência desses amistosos.

Os dois últimos artigos do dossiê tratam do boxe. Em *Boxe: os atletas e a “luta” olimpismo x profissionalismo*, William Douglas de Almeida, com base em entrevistas com atletas e dirigentes, investiga as tensões entre o ideário olímpico e a prática profissional do boxe no Brasil, bem como a interferência dessas tensões na trajetória dos praticantes dessa modalidade. Jônatas Marques Caratti, por seu turno, investiga o surgimento do boxe na cidade de Porto Alegre, no contexto de modernização e urbanização da cidade. O boxe nos circos,

cinemas, os desafios entre lutadores, as primeiras escolas de boxe e luta-romana e a perseguição policial contra os praticantes são alguns dos temas tratados pelo historiador gaúcho no artigo “*Quando o boxe era caso de polícia*”: espetáculo, violência e repressão em tempos do surgimento do pugilismo em Porto Alegre/RS (1908-1922).

Na sequência do dossiê História do Esporte, essa edição leva a público, em sua seção de artigos livres, cinco estudos sobre temas variados. André Luiz de Siqueira investiga os conceitos de “riso” e “alegria” em Francisco de Assis, no artigo *Vae illi religioso qui producit homines ad risum: a Admonitioxx de Francisco de Assis e os elementos para uma problematização do riso na formação do imaginário franciscano medieval*. Francisco Viana e Fábio Brito, em *Heróis de gibão de couro: história e identidade dos vaqueiros campomaiorenses através da literatura*, discutem as mobilizações indenitárias da figura do vaqueiro piauiense e a multiplicidade de narrativas e representações sobre este personagem presentes na literatura de cordel. As ambivalências da condição feminina na Teresina dos anos 1950 são estudadas por Carla Daniela Alves Rodrigues, em *Desejos e práticas femininas em Teresina no limiar dos Anos Dourados*.

Em *O Sudoeste do Paraná e a presença militar na fronteira: aspectos de uma “comunidade imaginada”*, Ronaldo Zatta e Ismael Antonio Vannini se ocupam da história da presença militar na zona de fronteira do sudoeste do Paraná, em um recorte temporal que vai da “Marcha para o Oeste” à ditadura militar, analisando a conformação de um imaginário nacionalista naquela região. Encerrando a seção de artigos livres, Anderson Arilson de Freitas, com base em pesquisas de história oral realizadas no distrito de Ibiracema, no município de Catanduvas, no estado do Paraná, reflete sobre as diversas ondas migratórias para a região e as percepções e resistências culturais naquela cidade, no artigo *Percepções e resistências à cultura do “outro” no distrito de Ibiracema, Catanduvas/PR*. Finalmente, esta edição se encerra evocando o espírito de seu dossiê temático, a História do Esporte, na resenha *Revelando o mal-estar no esporte – resenha do filme Foxcatcher, uma história que chocou o mundo*, assinada por André Capraro, Riquelde Lise e Rafael Orlando de Oliveira.

Boa leitura!

Jhonatan Uewerton Souza

BIBLIOGRAFIA

ALABARCES, Pablo. Vinte anos de ciências sociais e esportes, dez anos depois. In: **Antropolítica**, n. 31, vol. 2. Niterói, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Política, futebol e as invenções do Brasil. In: **Revista de História Regional**, n.17, vol. 2. Ponta Grossa, 2012.

RODRIGUES, Sérgio. **O Drible**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.